

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 10° REGIÃO PARÁ/AMAPÁ
VIII PLENÁRIO - POR UMA PSICOLOGIA PARA CUIDAR DE TODOS/AS
BELÉM 19/10/2013

TEMA

A Psicologia, a memória e a verdade; porões da ditadura militar no Brasil e resquícios da ditadura a céu aberto na atualidade.

Profº. Dr. Dermi Azevedo

Jornalista e Cientista Político

“Não tenho rancor. Tenho memória”. A frase é atribuída a Danton, um dos líderes da Revolução Francesa e pode resumir o sentido da atividade de hoje e de todas as iniciativas voltadas para desvendar o que ainda está escondido sobre os crimes praticados pela ditadura civil-militar (1964-1985).

A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA

Sabemos que o ódio e a mentira constituem a essência de regimes ditatoriais. Nós entregamos a nossa vida pelos ideais da liberdade e da democracia e fomos atingidos em todas as áreas de nossa vida por uma feroz repressão. Reconstruir a memória histórica significa, em primeiro lugar, recuperar o tecido rasgado da história do Brasil e repormos o papel de cada cidadão, de cada cidadã, nesse processo.

Sobre a memória histórica do nazismo e da Shoah, o holocausto, escreve o intelectual judeu Primo Levi, sobrevivente de um campo de concentração nazista: “Os psicólogos observam que os sobreviventes de eventos traumáticos dividem-se em dois grupos bem definidos: os que escondem em bloco o seu pranto e os que persistem na memória das ofensas recebidas. Eu integro o segundo bloco.”

EM BUSCA DA VERDADE?

Descobrir a verdade significa aproximar o mais possível os fatos de suas versões. Por mais de 20 anos, a Nação brasileira foi obrigada a consumir diariamente as mentiras da ditadura. O regime ditatorial mentiu sobre a resistência democrática; sobre o destino de centenas de companheiros e companheiras, como é o caso de Luís Maranhão Filho e de Soledad Barret Viedma, cujos corpos jamais foram encontrados; sobre o montante das verbas públicas gastas com a implantação do mais poderoso esquema de perseguição política do Ocidente, com a assessoria da CIA e das Forças Armadas norte-americanas, sobre a prática sistemática da tortura contra os presos políticos; sobre a colaboração do Brasil com outros países da América Latina e do Caribe, na famosa Operação Condor.

Podemos afirmar, desde logo, que a mentira constituiu a essência da ditadura. Era vigente o clima de suspeição e de perseguição policial generalizada contra qualquer pessoa ou instituição que pensasse criticamente ou que ousasse revelar em público contradições com o regime de exceção; a realidade cruel das prisões arbitrárias, das torturas, dos desaparecimentos, dos assassinatos políticos; a censura a qualquer expressão livre do pensamento e das artes; a cumplicidade de representantes da classe política com os golpistas e a repetição da velha e preconceituosa campanha anticomunista, apoiada por poderosos setores religiosos; a exploração do trabalho acompanhada pela repressão às atividades sindicais.

CONTEXTO DA DITADURA

Quando o governo constitucional do presidente João Goulart foi derrubado, o mundo vivia o clima da guerra fria e há apenas 10 anos Cuba havia feito a sua Revolução. O Brasil pré-golpe foi marcado pela mobilização social em favor das reformas de base (urbana, agrária, eleitoral, da educação, das leis trabalhistas, entre outras). Esse clima e as iniciativas de reformas levaram o governo dos EUA a apoiar e a articular o golpe. Figuras como Paulo Freire, Josué de Castro, a psicóloga paulista madre Cristina Sodré Dória, Darcy Ribeiro, d.Hélder Câmara, Djalma Maranhão, Oscar Niemeyer, o líder operário Waldemar Rossi, a educadora Maria Nilde Mascellani e tantos outros cidadãos e cidadãs democratas foram obrigados ao exílio e muitos deles foram submetidos à condição de presos políticos.

EXPERIENCIAS

MINHA EXPERIENCIA

Nesta roda de conversa, vou ater-me à minha experiência pessoal e familiar. Posso dizer que pertenço à geração de 1968 e o meu primeiro exercício de atuação em nível nacional aconteceu nesse mesmo ano, no XXX Congresso da UNE, em Ibiúna/SP. Como conto em meu livro “Travessias Torturadas. Direitos Humanos e Ditadura no Brasil”, em Ibiúna e no Presídio Tiradentes, em São Paulo, vivi, pela primeira vez, o preço que paguei por minha opção. Começou aí a roda viva em que me engajei e da qual nunca me afastarei, a não ser pela morte física. Escolhi para essa roda de conversa, algumas situações que marcaram definitivamente a minha vida.

MEU FILHO

O ano era 1974. Na tarde de 14 de janeiro, aconteceram três ações repressivas simultâneas: no centro de São Paulo, onde eu trabalhava com Samuel Wainer, no jornal “Última Hora”, fui preso e levado ao prédio do DOPS, onde fui imediatamente submetido a torturas físicas e psicológicas.

Na Zona Sul, foram presos os assessores de Maria Nilde Mascellani, entre os quais a minha esposa na época. E também nessa área foi invadida a minha casa, no bairro do Brooklyn Novo.

Meu primeiro filho, Carlos Alexandre de Azevedo, com apenas um ano e oito meses de idade, teve seus dentinhos quebrados por um investigador, porque estava chorando...No DOPS, sofreu mais sevícias. Anos depois, em entrevista a ISTO É, contou o que sabia sobre o seu caso: “As pessoas sabiam que o que eu vivi foi verdade”, afirmou, acrescentando”

“Para mim, a ditadura não acabou. Até hoje sofro os seus efeitos. Tomo antidepressivo e antipsicótico. Tenho fobia social.”

“Em certos momentos, tive raiva porque meus pais expuseram os filhos. Mas depois senti orgulho porque eles lutaram contra os abusos dos militares e fazem parte da história do Brasil. Muita gente ainda acha que não houve ditadura nem tortura no país”.

Em fevereiro de 2013, Carlos Alexandre foi encontrado morto em seu quarto. Havia ingerido vários remédios controlados. Ao tomar conhecimento da sua morte nessa tragédia, sentei-me em frente ao computador e enviei a seguinte notícia aos companheiros e amigos:

Aos meus amigos e às minhas amigas,

LUTO

Meu coração sangra de dor. O meu filho mais velho, Carlos Alexandre Azevedo, suicidou-se na madrugada de hoje, com uma overdose de medicamentos. Com apenas um ano e oito meses de vida, ele foi preso e torturado, em 14 de janeiro de 1974, no DEOPS paulista, pela "equipe" do delegado Sérgio Fleury, onde se encontrava preso com sua mãe. Na mesma data, eu já estava preso no mesmo local. Cacá, como carinhosamente o chamávamos, foi levado depois a São Bernardo do Campo, onde, em plena madrugada, os policiais derrubaram a porta e o jogaram no chão, tendo machucado a cabeça. Nunca mais se recuperou. Como acontece com os crimes da ditadura de 1964/1985, o crime ficou impune. O suicídio é o limite de sua angústia. Conclamo a todos e a todas as pessoas que orem por ele, por sua mãe Darcy e por seus irmãos Daniel, Estevao e Joana, para que a sua/nossa dor seja aliviada. Tenho certeza de que Cacá encontra-se no paraíso, onde foi acolhido por Deus. O Senhor já deve ter-lhe confiado a tarefa de consertar alguns computadores do escritório do céu e certamente o agradecerá pela qualidade do serviço. Meu filhinho, você sofreu muito. Só Deus pode copiosamente banhar-te com a água purificadora da vida eterna.
Seu pai
Dermi

Depois, dirigi-me ao meu filho e lhe mandei esta carta:

CONVERSANDO COM CACÁ

“Meu filho querido! Essa noite, eu te imaginava sentado diante do micro, pesquisando as novidades da informática e compartilhando as informações mais recentes com Luciano, Humberto e outros de seus amigos. Mas, provavelmente, em plena madrugada, você já partia para a viagem definitiva, preparada detalhadamente, sob uma intensa angústia...

Agora vejo você depositado sobre uma maca, no processo de autópsia...

Mas, ao mesmo tempo, revejo as imagens de sua infância: como eu me sentia feliz, quando voltava do trabalho e recebia aquele seu abraço apertado, o abraço do meu primeiro filho, cabelos compridos esvoaçantes.

O nosso cardápio era precário, mas como comíamos com gosto aquele sanduiche de pão com sardinha e guaraná; de vez em quando, chegavam novos amigos que nos ajudavam a fazer você brincar, eram companheiros e companheiras que se preparavam para o exílio porque eram perseguidos pela ditadura.

Você foi presenteado, um dia, por seu padrinho, frei Giorgio Callegari, com uma pequena medalha da padroeira de Veneza...

Lembro-me também da primeira foto nossa, de você nos meus braços e eu de costas para não ser reconhecido. Já quando morávamos em Curais Novos-RN, você chega à minha memória bem grudado nos braços de seu avô José Vicente. Meu pai já lhe contava historias que você ainda não compreendia e que certamente estimulavam a sua imaginação.

Agora, que você não me responde com palavras e com gestos, eu lhe proponho que nos envie mensagens sobre seu encontro com Deus. Apesar da sua timidez, certamente você será o primeiro a falar: "Senhor, pode me castigar porque me antecipei ao seu chamado diante de tanta angústia que eu sentia".

"Carlos- responderá o Senhor - o seu processo de angustia começou há muito tempo, quando você era quase um bebê, e foi vítima dos algozes da repressão política. Sinta-se, portanto acolhido nos meus braços paternos e maternos. Sua angústia desaparecerá de imediato e você ocupará o seu tempo cuidando do laboratório de informática do céu. Quando estiver cansado, terá ao seu dispor as melhores opções de lazer, você conhecerá a fonte dos arco-íris, a cozinha onde são fabricadas as primeiras gotas do melhor mel e chegará inclusive a conhecer a fórmula que eu utilizo para garantir que os planetas e as estrelas não se choquem..."

Como seu pai, sei também que, com a sua educação, você ainda encontrará tempo para ser o anjo da guarda da sua mãe e de seus irmãos.

Eu te vejo, portanto meu filho, ao mesmo tempo; sepultado e ressuscitado...

Não posso crer que você desapareceu para sempre.

O Deus que criou você certamente não iria criá-lo para viver apenas 30, 40 ou 100 anos. Você foi reincorporado ao universo.

Não te digo adeus eu entrego você a Deus.

A sua ausência já se tornou uma eterna presença.

Seu

Segunda

carta

para Carlos Alexandre Azevedo

"Meu querido filho Cacá, bom dia, bom domingo Você foi embora há cerca de um mês e deixou registrada a sua dor, a sua angústia, a sua agonia, toda a sua específica e pessoal agonia. Só Deus, o nosso Pai e Mãe, é capaz de decifrar o seu enigma, o seu mistério... Somente Ele/Ela é suficiente para compreender e para interpretar os franzidos de sua testa. Veja você, Cacá, se o próprio Jesus Cristo expressou a sua dor ao clamar, pregado na Cruz, "Pai, Pai, porque me abandonaste?", porque você, seus pais, seus irmãos, parentes e amigos, não poderiam fazer ecoar o mesmo grito: "Pai, porque me deixaste sozinho?". Numa dessas madrugadas, você me chamou, com voz angustiada, mas serena e suave, "Pai, papai...". Quando estendi meus braços até você, m'você como que se reintegrou à bela escuridão da noite E novamente rumou para o desconhecido... É nesse desconhecido que você vive... A sua profundíssima tristeza foi assumida por centenas de pessoas, anônimas, conhecidas ou desconhecidas e foi traduzida em milhares de gestos de fraternidade e de solidariedade. Sei que você está em boa companhia... Vladimir Herzog, Nelson Martinez, José Luís Brum, frei Tito, frei Giorgio, Paulo Fonteles, irmã Dhoroty, Marçal Tupã, Maria Nilde Mascellani, João Bittar, Flávio Canalonga, dona Aninha Lobo, Yramaia Benjamin, Alexandre Vannucchi Leme, Jaime Wright, Luiz Merlino e Luz Eurico Tejera Lisboa, entre outros/outras companheiros/as da luta pela liberdade...

Seu

pai

Dermi Azevedo

Diante de um drama como esse, várias pessoas me questionaram sobre o papel do Absolutamente Outro. Respondi que Deus, em primeiro lugar, não pode ser responsabilizado por essas mazelas da sociedade. Ele nos criou a sua imagem e semelhança para sermos dignos. Se não somos capazes de buscar essa dignidade e procurarmos vivenciá-la no dia a dia, o Senhor da história não pode ser responsabilizado. Ele nos dá o livre-arbítrio justamente para que conduzamos a vida de um modo ou de outro. Essa é uma dimensão. A outra é a da fé. Acredito que essa fé está resumida na Bíblia que, em vários trechos, deixa claro que se pedimos a Deus proteção, de forma humilde, entregando em suas mãos o presente e o futuro, saberemos viver melhor e seremos mais capazes de resistir à dor e ao sofrimento. No caso do meu filho, eu tenho a convicção, pela fé, de que ele não foi embora definitivamente. Ele ressuscitará como todos os outros mortos, em quaisquer circunstâncias. E digo também que ele não cometeu suicídio propriamente. Ele foi morto pelo sistema repressivo que ainda mantém as suas garras em vários ambientes e setores. No plano pessoal, acredito que Deus se manifesta através de forças concretas por meio da solidariedade dos amigos e companheiros,

Todo esse movimento de solidariedade expressa a força de Deus. Isso preenche a nossa vida desde que o busquemos com humildade. Não posso dizer que estou consolado, pois não estou, mas graças a isso estou resistindo e pretendo continuar. Em primeiro lugar, para que mais nenhum jovem tenha que sacrificar a sua vida para fugir das sequelas da tortura. E, em segundo lugar, para que se descubra a verdade sobre tudo isso e que essa verdade seja apresentada à nação.

UMA CABEÇA DE ALHO

Era alta madrugada em SP, quando as portas ferros de nossas celas foram abertas bruscamente um senhor de 70 anos, com as pernas em carne viva, foi jogado no chão por policiais. Havia chegado da Operação Bandeirantes e do DOI-CODI, a elite do fascismo da repressão. Foi atendido do modo precário possível. Mas a sua primeira preocupação foi a de oferecer o único bem que possuía – uma cabeça de alho – entre os companheiros. Dias depois, foi transferido para outro presídio. Seu nome era Ivo Valença.

O OFICIAL TORTURADOR

Certa vez eu encontrei um oficial torturador, um capitão da polícia militar, cuja filha me foi apresentada para fazer estágio no jornal onde eu trabalhava. Esse oficial é o mesmo que, no período do regime, em que eu estava fora do meu estado – o Rio Grande do Norte – ia todos os dias à casa dos meus pais e dizia que não me esperassem mais, porque eu já havia morrido há muito tempo. Isso é uma forma de tortura. Eu perguntei se ele não se sentia mal em amedrontar um casal de pessoas idosas, cuja esperança era de ver o filho antes de morrer. E ele me respondeu que estava apenas cumprindo ordens. Daí se retirou da sala e foi a minha vez de pedir desculpas à filha dele, que não tem responsabilidade nenhuma nesse episódio e em nenhum outro em questão, pois não era da sua geração. Ela terminou o estágio e acabou casando com o fotógrafo do jornal e está lá até hoje. Então, acredito que esses algozes serão, um dia, identificados e devidamente punidos. É um processo demorado, mas vai acontecer. Tenho esperança.

COMISSÕES DA VERDADE

As Comissões da Verdade estão chegando em boa hora, embora atrasadas, o que nos motiva a ajudá-las a se integrar e a fazer da melhor forma possível seu trabalho. A criação dessas comissões da verdade, seja no âmbito oficial, seja por iniciativa da sociedade civil, é muito importante porque elas vieram atender a uma demanda reprimida há muito tempo, Enquanto outros países avançaram e puniram os golpistas e torturadores, no Brasil ainda estamos na fase de descobrir o que aconteceu nos porões da ditadura. Mas ainda existem segmentos da sociedade que ainda não estão sendo ouvidos adequadamente pelas comissões, como é o caso das mulheres, dos agricultores, dos trabalhadores rurais e dos operários. São setores que têm ficado em segundo plano, porque não dispõem de canais menos burocráticos de diálogo com a cúpula do poder.

TORTURA E IMPUNIDADE

A tortura é um crime contra a humanidade. Deixa consequências para toda a vida. Ninguém é a mesma pessoa depois de ser submetido a esse tipo de tratamento cruel e desumano. A resistência psicológica à tortura representa uma batalha diária contra o medo, introjetado no mais íntimo de nosso ser.

Uma das vergonhas do nosso tempo é a continuidade da tortura nas unidades policiais civis e militares.

RESQUÍCIOS DA DITADURA

NO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO

De certa forma, a ditadura persiste, não mais na repressão às liberdades políticas e culturais, mas na reprodução dos anti-valores capitalistas do egoísmo, do narcisismo, do consumismo e do niilismo. Tudo ou quase tudo é transformado em mercadoria, inclusive a política. A alma humana é disputada no mercado.

Em termos específicos, continuam intocados vários entulhos autoritários, a começar pelos arquivos das forças armadas. Mais recentemente, o Estado tem procurado enquadrar os manifestantes numa legislação sobre distúrbios.

MOBILIZAÇÕES POPULARES

Duco non ducur. Essa expressão latina resume hoje o sentimento da maioria da população brasileira. As mobilizações populares o indicam. O povo quer uma verdadeira democracia e está disposto a consolidar os avanços democráticos, desde que isto ocorra de maneira participativa.